

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOMINGOS SÁVIO FERREIRA BENTO JÚNIOR

**LÁGRIMAS NEGRAS SILENCIOSAS: O sofrimento e o apagamento como elementos
constituintes da vida de homens negros**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

DOMINGOS SÁVIO FERREIRA BENTO JÚNIOR

**LÁGRIMAS NEGRAS SILENCIOSAS: O sofrimento e o apagamento como elementos
constituintes da vida de homens negros**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Francisco Francinete Leite
Júnior

DOMINGOS SÁVIO FERREIRA BENTO JÚNIOR

**LÁGRIMAS NEGRAS SILENCIOSAS: O sofrimento e o apagamento como elementos
constituintes da vida de homens negros**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 03/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: Prof. Me. JOEL LIMA JÚNIOR / UNILEÃO

Membro: Profa. Dra. MOEMA ALVES MACÊDO / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

LÁGRIMAS NEGRAS SILENCIOSAS: O sofrimento e o apagamento como elementos constituintes da vida de homens negros

Domingos Sávio Ferreira Bento Júnior¹
Francisco Francinete Leite Júnior²

RESUMO

O presente estudo busca discorrer a respeito de elementos atravessadores da subjetividade de homens negros a partir das perspectivas de Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon. Para construir a discussão sobre a temática foi feita uma Revisão Narrativa de Literatura a partir de obras selecionadas nas plataformas Scielo, Pepsic e BDTD. Os critérios utilizados para a escolha das publicações consideraram menções ao tema, discussões a respeito da subjetividade de homens negro e processos de apagamento da identidade negra. Diante disso, a partir das reflexões construídas ao longo do artigo, percebe-se a existência de didáticas sociais que visam desumanizar a existência de homens negros e destituí-los continuamente de seu direito de resposta frente ao sofrimento proveniente da tipificação anômala imposta sobre seu corpo e sua identidade. Conclui-se que a existência do sujeito negro é transpassada ao longo de sua vida pela formação de ideologias que buscam transformá-lo no inimigo dos integrantes da sociedade que precisa ser combatido e repreendido. As reflexões obtidas por meio das obras referenciadas denotaram que o modelo social é formulado com o objetivo de silenciar essa mesma população em prol de facilitar a introjeção de crenças e valores que justifiquem a tentativa de extinguir suas subjetividades vistas como anomalias a partir da ótica dos padrões brancos que regem a sociedade.

Palavras-chave: masculinidade negra, racismo, sofrimento, apagamento; subjetividade.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: domingosfbjunior@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampao.edu.br

1 INTRODUÇÃO

De forma costumeira são citados os estudos a respeito das conexões presentes dentro de raça e gênero nas discussões construídas sobre saúde mental da população negra. A partir da lógica generalista dessas considerações se tornou possível traçar o recorte para o tema central desse estudo a respeito do sofrimento e silenciamento na vida de homens negros. Diante disso Patrício (2023) afirma que apesar de ser invisível na própria existência e nas dores, os homens negros têm tentado retomar o direito de falar a respeito de suas dores, nisso o próprio autor considera ainda o peso das estigmatizações que se dividem em objetificar de forma totalmente sexual o corpo do homem negro ou o transformam em indivíduo selvagem, perigoso e indigno de ser considerado à categoria humana.

Desse modo, consideram-se os atravessamentos presentes na vivência de homens negros e as suas experimentações de silenciamento frente ao seu próprio sofrimento, a remoção desse indivíduo do patamar de ser humano se tornou uma prática recorrente para a tentativa de condená-lo a pacificação e aceitação dos problemas que o tangem no seu viver. Raymundo (2021) discute sobre como a subalternização e a violência dirigida aos homens negros são elementos que fazem parte de um projeto ficcional de uma democracia racial, que presume uma falsa harmonia entre raças no Brasil, desmentida diretamente pelos apagamentos vivenciados pela cultura negra no país.

De certo modo, esse mesmo processo de silenciamento faria parte de algo ainda maior utilizado para a manutenção de estruturas de poder que operam há muito tempo. A tentativa de silenciar o sofrimento dos homens negros se traduz em uma forma de torná-lo passivo e vítima silenciosa desses mecanismos e violências. Entretanto, não se torna efetivo apenas forçar esse indivíduo ao silêncio e a partir disso são construídas as imagens e significados que partem desde a objetificação sexual até a figura do homem perigoso e selvagem citada dentro do Mito Negro de Neusa Santos Souza e por Frantz Omar Fanon em sua obra.

Considerar o papel do racismo na construção da identidade de pessoas negras é algo de notável importância para a ciência psicológica que tem como foco trabalhar subjetividade dos sujeitos. Pode-se definir a motivação inicial do presente estudo como o questionamento a respeito da ausência da produção de conteúdos que considerassem e indagassem o local ocupado por homens negros dentro de uma sociedade ativamente racista. Direcionar as discussões desse estudo as considerações feitas por Neusa Santos Souza com a obra Tornar-se Negro e Frantz Omar Fanon com *Pele Negra, Máscaras Brancas* é uma decisão que se fundamenta no interesse pessoal pela discussão de ambos os autores e pela forma como

consideram o viés psicanalítico para fomentar a discussão a respeito de estereótipos, lócus sociais e significados geralmente associados a figura do negro.

O papel do psicólogo impõe a necessidade de reconhecer as especificidades do meio social em que o profissional vive, então não é possível aplicar ou vivenciar a ciência psicológica de forma coesa sem considerar o peso e os impactos do racismo na vida de uma população que vivencia continuamente processos de repreensão, marginalização e silenciamento.

A questão geradora desse estudo é fundamenta na problemática: Como se constitui o sofrimento e o silenciamento na subjetividade de homens negros? Du Bois (2021) direciona em sua obra a compreensão de que esse sujeito existe dentro de uma sociedade que deseja que ele adote de forma total a visão de si mesmo a partir da ótica daqueles que o desprezam. Questionar o local habitado pelo sofrimento do negro e a forma operante do apagamento desses dentro desse mundo se torna algo fundamental para o profissional da psicologia seja capaz de compreender o repertório de experiências e sentimentos que atravessam a existência de homens negros dentro de ambientes moldados para inseri-los na categoria de alvos de ódio.

Define-se como objetivo geral desse estudo: compreender os processos subjetivos de sofrimento e apagamento de homens negros. Ademais, elenca-se como objetivos específicos: contender sobre a proibição da masculinidade e introjeção da desumanização na identidade do sujeito negro, discutir impactos do racismo na construção subjetiva de homens negros e correlacionar aspectos da vida de homens negros a partir das perspectivas de Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

O referido estudo se trata de uma Revisão Narrativa de Literatura, de natureza básica com procedimentos de coletas de dados executados por meio de pesquisa bibliográfica, com a utilização do método de análise de obras com informações para discussões a respeito da interseção entre gênero e raça. Foi realizada uma busca de obras condizentes com o tema em questão com a utilização de pesquisa com as palavras-chave: racismo; sofrimento; homem negro; identidade; negritude; silenciamento. Foram utilizadas bases de dados como Scielo, Pepsic e BDTD.

Esse estudo, classificado como uma Revisão Narrativa de Literatura, se baseou na pesquisa e estudo das obras de autores que contenham informações a respeito do sofrimento e o silenciamento dentro da vida subjetiva de homens negros nas bases dados Scielo, Pepsic e BDTD. Os critérios utilizados para a escolha do material bibliográfico consideraram as menções ao tema, discussões a respeito das experiências de vida de homens negros, considerações sobre a vivência de sofrimento dos sujeitos negros, ademais o referenciamento dos autores focalizados na discussão do presente estudo. As obras selecionadas foram interpretadas, majoritariamente, sob a luz dos estudos de Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon e suas respectivas obras *Torna-se Negro* (2021) e *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020) a respeito de população negra, identidade e racismo sob ótica psicanalista para a construção de uma discussão sobre as especificidades do tema escolhido.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 A vida de homens negros: perspectivas de Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon.

Neusa Santos Souza foi psiquiatra e psicanalista brasileira e referência proeminente no campo de saúde mental. No presente estudo, a obra *Torna-se Negro* ou *As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, lançada originalmente em 1983 com versão reeditada em 2021, foi escolhida para promover a discussão a respeito da vivência de homens negros a partir do olhar psicanalítico. Em *Tornar-se Negro* (2021) Neusa propõe a discussão a respeito da forma que o sujeito negro constrói o seu eu dentro de uma sociedade constituída para repudiá-lo. Andrade e Souza (2023) ressaltam a forma em que Neusa discute a emocionalidade das pessoas negras e seus processos de subjetivação como fatores profundamente atravessados pela ideologia da branquitude. Dessa forma, não seria possível discutir a respeito de pessoas negras dentro de suas vivências sem antes considerar a forma que uma sociedade padronizada ao redor da população branca influência na construção do mundo subjetivo do negro que habita nela.

Uma outra importante referência na discussão das questões de negritude e racismo dentro das considerações a respeito de saúde mental é encontrada dentro dos estudos de Frantz Omar Fanon, psiquiatra e filósofo francês. Sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, referenciada internacionalmente como um clássico para luta antimanicomial e antirracista, discute a respeito da difusão do racismo e a introjeção das crenças racistas na população

negra. Costa (2019) cita a respeito da surpresa de Fanon, que até então se via como homem francês, ao se deparar com o racismo dirigido a ele por outras pessoas europeias. Na referida obra, Fanon discute a respeito do fenômeno do negro de introjetar em si o racismo na tentativa de ser visto como branco, o que o aproxima da visão de Neusa em Tornar-se Negro.

Considerar as experiências vividas por homens negros dentro de uma sociedade que os odeia torna imprescindível a busca pelo entendimento a respeito de como esses indivíduos se enxergam dentro do meio em que vivem, ademais que espaços sociais ocupam por de forma opcional ou outorgada. Souza (2021) descreve o negro como o outro do belo, a partir da concepção social que define o branco como o limar mais alto do padrão estético. Os significados associados ao negro a partir dessa lente se distanciam do que é belo, amável, elegante e aceitável.

Nogueira (2021) delimita que há uma rede de significações negativas e direcionadas ao negro dentro da sociedade brasileira. Atendo-se a essa linha de pensamento, o corpo do homem negro se aloca dentro do molde que o torna algo indesejável e inaceitável, o que se contradiz com os sentidos positivos imbuídos no corpo branco, o que satisfaria a necessidade da sociedade de criar polos positivos e negativos de existência. A simbologia transcrita na vida desse sujeito se fortifica conforme ele cresce e se desenvolve sob os olhares daqueles ao seu redor que transfiguram sua imagem no monstro perigoso que precisa se esforçar diariamente para se tornar em algo ao menos próximo do ideal branco definido como o limiar que precisa ser atingido.

Souza (2021, p.65) cita:

O negro de quem estamos falando é aquele cujo ideal do ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido, e que endossa a luta para realizar esse modelo.

Se esse ser é criado dentro de um mundo formulado em prol de reduzi-lo cada vez mais e removê-lo da condição de humanidade da qual não pode fazer parte simplesmente por não ser branco, têm-se um sujeito cada vez mais desconexo de sua identidade real e cada vez mais inserido nos traços característicos impostos a ele pelo racismo da sociedade. Quando Fanon (2020) discute que o homem negro não é apenas um homem, mas negro e isso o torna associável diretamente a imagem do selvagem pois lhe falta o refinamento e a elegância costumeiramente associadas a imagem daquele que ele precisa se tornar de alguma forma, o homem branco. A única saída disponível para esse sujeito negro se torna a tentativa de se

aproximar do que é considerado como branco e nesse ponto é possível retornar ao pensamento de Custódio (2019) que explicita que a construção da identidade do negro é algo considerado anômalo dentro do mundo e por isso há tantos processos de rechaçamento destinados a esses indivíduos cada vez que tentam se distanciar dos significados padronizados para sua existência desde o começo da vida.

Souza (2021, p.29):

O racismo esconde seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar, e projetar um futuro identificatório antagônico em relação a realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, dessa maneira, num ideal de retorno ao passado, no qual ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, em que seu corpo e identidade negros deverão desaparecer.

É esperado que o homem negro tenha a ação de aderir aos comportamentos e atitudes do branco a fim de se tornar civilizado e aceito. Fanon (2020) ressalta a forma como jovem negro é socializado para se identificar na figura do herói branco ao passo em que renega a imagem do negro monstruoso e selvagem. O autor ressalta ainda uma tentativa constante de formular polos positivos e negativos de existência e devido a isso o negro estará sempre associado e inserido nas significações enxergadas como problemáticas.

De certo modo, as discussões formuladas pelos autores destacados, Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon, explicitam que o homem negro se depara diariamente com escolhas pré-determinadas que buscam vilanizar sua identidade e sua existência. Em sincronia é ensinado a esse indivíduo que a saída para escapar desse lócus existencial reducionista é necessário comportar-se, agir e pensar como o sujeito ideal que ocupa o topo das relações sociais, o homem branco. Considerar isso demanda também pensar sobre a existência verídica ou não de que um negro possa se tornar algo próximo a um branco. Nogueira (2021, p.33) diz:

É sempre visto como bandido, sujo, incapaz, e, por mais esforços pessoais que tenha feito para conquistar um lugar social melhor, será um indivíduo marcado por essa cor que não o separa desses implacáveis sentidos de que o configuram o racismo e a discriminação.

A compreensão expressa pela autora citada esboça-se de forma oposta ao pensamento transcrito na sociedade de que o negro pode se tornar mais aceito desde que tenha comportamentos e atitudes semelhantes ao branco, pois questiona-se a possibilidade da realização disso na vida de um sujeito que é eternamente acompanhado pela condição imposta pela cor de sua pele. Falta ao negro a humanidade, que iria inseri-lo dentro do status de

indivíduo (Custódio, 2019) e devido a isso sobram a ele as tentativas de conseguir sair de sua condição desumanizada para que seja capaz de adentrar na cadeia de significantes que o permitiria fazer parte simbólico (Souza, 2021).

Fanon (2020) relata sua própria experiência como homem negro vivenciando o que vem a ser chamado de Mito Negro por Neusa Santos Souza. Há no discurso do autor a respeito de sua própria vida a marca advinda da dificuldade de reconhecer a forma como características e comportamentos são impostos sobre homens negros ao passo em que esses reconhecem que em muitos momentos essas ideias direcionadas a eles mesmos não são verdadeiras. Entretanto, há nisso a presença de uma dificuldade ainda maior que se localiza na tentativa de escapar dessa cadeia de significantes feita para manter em funcionamento do sistema de opressão. Du Bois (1903) contribui com essa discussão ao afirmar que o negro vive em um mundo que não lhe permite construir autoconsciência e reafirma que ele só pode descobrir quem realmente através do outro, sendo que esse outro é justamente o branco que detém o poder de definir a condição humana ou monstruosa da pessoa negra.

Quando Souza (2021, p.59) diz:

É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, em que os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela que afirma: "o negro é o outro do belo". É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros.

Dentro dessa concepção o belo não delimita apenas um padrão estético para beleza física, mas também a forma que as pessoas negras e seus corpos serão observados e significados dentro da sociedade. Dizer que o negro é feio, detestável e monstruoso provém de uma tentativa constante de manter o sujeito branco como o ideal a ser atingido. Esse homem não pode ser apenas mais um entre os outros e pode ainda menos ser apenas um ser humano entre outros (Fanon, 2020). É cabível a esse sujeito a expressão exacerbada de uma masculinidade que naturalmente não faz parte de sua real identidade (Custódio, 2019) ou a transfiguração em um objeto que receberá sentido e significado através do olhar do grande outro que ele deseja vir a ser (Ribeiro e Faustino, 2017).

É notório que com o passar do tempo, cada vez mais homens negros tem se conscientizado a respeito do processo de introjeção esquemática de significantes em sua realidade conforme é citado por Patrício (2023). Entretanto, é preciso compreender que um sistema de opressão que opera há centenas de anos não perde força totalmente de uma década para outra e por isso esse sujeito negro ainda enfrenta as dificuldades mesmo quando se torna

consciente de quem realmente é. Quando Souza (2021) formula sua discussão a respeito do que denomina como O Mito Negro, a autora explicita-o como o desafio que será enfrentado por todo negro que se recusa ao destino da submissão. Retornar mais uma vez as categorias de sujeição citadas por Custódio (2019) ressaltam a forma como a padronização da sociedade é fortemente estipulada a partir das concepções de uma parcela populacional que observa o homem negro de forma desdenhosa. Então, ele precisa ser suavizado, dominado e se esforçar arduamente para que consiga se parecer com o ideal branco ou ele é o monstro, selvagem e perigoso associado constantemente a imagem do bandido ou estuprador.

Em sua discussão a respeito do mito negro, Souza (2021, p.57) afirma:

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da "natureza negra" enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações. A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica.

Adentrando a forma de tratamento direcionada ao sujeito negro que se torna consciente de sua condição, é possível adentrar mais uma vez a realidade vivida por Fanon (2021) quando o autor cita perceber que o sentimento que direcionavam a ele, em sua condição de homem negro, era o ódio e a forma como isso afeta outros indivíduos de mesma condição que percebem a irracionalidade do racismo e do preconceito quando trabalham com a racionalidade e se tornam conscientes de suas reais identidades. Mais uma vez, o mito negro de Neusa Santos Souza entra em cena e resalta a ótica utilizada para silenciar esses indivíduos que percebem os processos sistemáticos utilizados para silenciá-los em suas vivências. Um conjunto de significados negativamente polarizados que tangem desde a violência até o que é considerado exótico (Souza, 2021) são imbuídos na imagem construída socialmente do negro para que as representações utilizadas para educar e construir a subjetividade de outros sujeitos se baseie apenas do ideal branco.

Nogueira (2021, p.24) considera o contexto da identificação entre semelhantes e como isso é desencadeado entre o sujeito negro e cita:

Se antes de ser indivíduo o homem é um ser entre semelhantes, que se relaciona com os outros, enquanto seres iguais, antes de se referir a si mesmo, em que condições uma mercadoria, uma "peça", pode se autorreferenciar no outro?

De forma óbvia, entende-se que a autora direciona esse pensamento aos resquícios do período da escravidão e forma como isso ainda marca a vida de pessoas negras em um âmbito generalista. Entretanto, a perspectiva do sujeito negro enquanto “peça” caminha em direção a outras óticas como as que definem esses indivíduos como irracionais e perigosos que precisam ser para o não se adequarem ao modelo e masculinidade branca (Pereira, 2022). Seguindo isso, se o negro deseja tornar-se humano e ser aceito, ele não tem o direito de identificar-se como humano a partir de seus semelhantes de cor, mas apenas quando o grupo dominante o entende como indivíduo integrante da humanidade.

Diante de todas essas discussões, apesar de existirem paralelos profundos entre o que é citado por Neusa e por Fanon, é necessário reconhecer o que os diferencia dentro dos temas de discussão a respeito da população negra. Neusa (2021) indica a introjeção da inferioridade dentro da identidade de cada sujeito negro a partir da comparação em relação ao padrão da branquitude que ocupa o poder, a dificuldade acentuada pela autora surge quando esse sujeito negro precisa formular sua própria identidade, sair do lócus de submisso e inferior ao branco e superar a barreira imposta pelo Mito Negro, que tentaria definir a sua rede significados como longa construção de associações negativas. Já Fanon (2020) formaliza um debate a respeito do negro inserido na tentativa de ser cada vez mais branco. “O negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana” (Fanon, 2020, p. 23) a frase evoca de forma direto as discussões do autor a respeito de sua vivência enquanto negro que admite que aos olhos do colonizador, o branco, jamais vai ser apenas um homem, já que a cor de sua pele sempre vai associá-lo a escravidão, ao perigo e ao que precisa ser extinto, pois a selvageria do negro precisa dar lugar a elegância do branco.

Em conclusão, considerar o que é citado nas perspectivas de Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon indica compreender que a realidade um homem negro é diretamente marcado por um processo que busca silenciar sua identidade real a fim de fazer com que ele adote aquela pré-definida para ele pelo meio em que vive (Custódio, 2019). As maquinações utilizadas pelo racismo dentro da sociedade estimulam diretamente a permanência da figura do que não é contido em um molde branco como algo anormal que precisa ser corrigido e rechaçado até que se comporte da forma considerada aceitável. Nesse mesmo âmbito, conforme hooks (2021) esse mesmo sujeito é ensinado a formular um “eu” condizente com o que é demandado, embora esse processo resulte em degradação, sujeição e silenciamento de seus próprios sofrimentos. Ao mesmo passo em que esse sofrer não é digno de atenção social já que o indivíduo negro (Nogueira, 2021) é construído dentro da carência de humanidade.

2.2.2 A invisibilidade da masculinidade negra e a introjeção da desumanização na identidade de homens negros

Considerar a experiência do corpo do homem negro dentro de um modelo de sociedade que manifesta o racismo admite a necessidade de entender de que forma esse indivíduo constrói a visão a respeito de si mesmo. Ribeiro e Faustino (2017) destacam, sob à luz de Du Bois (2021), como o homem negro é induzido a construir uma visão duplicada sobre si que transforma sua autopercepção em algo parecido com a visão daquele que o despreza. A masculinidade do homem negro é formulada dentro de panoramas constituídos por aqueles que e o enxergam como algo não humano desde o seu primórdio de vida.

Rodrigues (2020) cita o negro como ser “viril” que precisa ter seu corpo moldado em algo que remeta ao trabalho braçal, esforço físico e atividades que denotem sua potência tanto física quanto sexual. Essas considerações a respeito do que é avistado como virilidade e masculinidade atuam como um mecanismo para remover o sujeito negro de um patamar humanizado para em seguida inseri-lo em algo inferior a isso. Silva (2021, p. 8) diz:

Ser condicionado a padrões pré-estabelecidos de comportamento, sexualidade, profissão e posição social são artimanhas utilizadas pelo racismo para delimitar a ação e desenvoltura de corpos negros, além de esforço de preservação do lugar de privilégio da branquitude, que vista como representação universal de humanidade, não pode ser enquadrada em estereótipos negativos.

O homem negro não é apenas homem, mas também um selvagem, no sentido de que falta a ele o refinamento presente no homem branco (Fanon, 2020). Então, já que falta a esse sujeito o elemento humanizante encontrando em outra raça, restam as classificações que o admitem dentro da realidade como um ser perigoso e que oferece perigo para aqueles diferentes dele ao seu redor. O ideal da masculinidade negra, conforme citado por Patrício (2021), é transpassado pela obrigação de expressar subordinação e resolução de desafios não comuns aos homens brancos. Nesse ponto, o negro constrói-se simbolicamente a partir de uma lógica formulada para mantê-lo distante do patamar humano que seria destinado apenas para homens brancos. Pereira (2022, p.128) reflete a partir da discussão da necessidade de considerar o estudo de gênero e raça que:

Essa argumentação é crucial para compreender como a construção da masculinidade negra, longe de se beneficiar plenamente dos privilégios patriarcais, é marcada por vulnerabilidades específicas, que a tornam alvo tanto da repressão policial quanto de uma cultura que associa o homem negro ao perigo, à violência e à ausência. O mito da hipermasculinidade negra, reforçado por

estereótipos coloniais e midiáticos, reforça uma lógica de desumanização que agride diretamente o acesso desse grupo a direitos básicos como vida, liberdade e dignidade.

Um conjunto de significações negativas são introjetadas na vivência de homens negros desde as primeiras fases de suas vidas. A difusão de concepções a respeito de seus corpos se torna em um estágio inicial para o processo desumanizador inerente ao racismo. Patrício (2021) discorre sobre as significações imbuídas ao corpo negro se tornam um tipo de ação intensificadora no processo desumanizante desses sujeitos a partir de concepções que delimitam a inteligência de homens negros como algo inversamente proporcional ao tamanho de seus órgãos genitais. A prática de transformar o homem negro em um ser inerentemente ligado a sexualidade exacerbada se torna um indicativo da condição de selvagem constantemente imposta a esse homem negro. A representação do selvagem simboliza o sujeito de inteligência reduzida incapaz de coexistir dentro de um mundo com pessoas brancas que representariam o ideal da sociedade.

Já que se considera a masculinidade do homem branco como o ponto ideal ao qual o homem negro precisa se parecer, é necessário admitir que a masculinidade negra propriamente dita se torna um fator que se aproxima de um local fora do padrão esperado dentro da sociedade. Conforme Custódio (2019, p.135):

Pois, ao ter o exercício de sua masculinidade reprimido (recalcado) de reconhecimento pleno, dentro desse padrão hegemônico patriarcal branco, ele a verte para um lugar inadequado de realização, transformando a não-aceitação plena em dor e sofrimento, e vertendo para fora essa dor em códigos performativos fora- -de-si, ou seja, do que desejaria ser e não mimetizar.

O modelo de sociedade impõe sobre o homem negro a ideia de que ele é o alguém que está fora de um padrão aceitável de existência e por isso ele precisa se adequar e expressar aquilo que é considerado como a epítome da masculinidade correta, que vem diretamente do grupo dominante dentro da sociedade. Rodrigues (2020) diz que é ensinado aos homens negros desde que são crianças que sigam uma conduta diferenciada de homens não negros para que sejam aceitos na sociedade e estejam de acordo com as dinâmicas sociais existentes. Isso exhibe de uma forma mais profunda a tentativa de afastar a expressão de identidade de homens negros do lugar de algo aceitável dentro da sociedade, são impostas normas diferentes a partir da construção de ideias que transformam o indivíduo em algo diferente do aceitável. O corpo e a masculinidade negra são transformados em temáticas que precisam silenciadas a fim de manter o funcionamento das estruturas de poder existentes.

hooks (2021) cita que os ensinamentos geralmente repassados para homens dentro da sociedade constroem uma ideia que a masculinidade exige que sentimentos como mágoa, solidão ou dor não devem ser mascarados e escondidos dentro de um processo que pode vir a ser chamado como a construção de um falso “eu”. Relacionar o que a autora cita com o que é dito por Custódio (2019) para pensar na realidade de homens negros, possibilita gerar a compreensão de que esses precisam desde os primeiros anos de vida a constituir um tipo de imagem que os distancie de seus próprios sentimentos e sofrimentos. Dessa forma, considerando os autores referenciados, têm-se que a masculinidade ideal, planejada para o homem negro fora do local de destaque ocupado pela identidade do homem branco, representaria um distanciamento da possibilidade de reconhecer e expressar os próprios sentimentos ao mesmo tempo em introjeta em si mesmo a necessidade de ter uma identidade hiper sexual que ocupa o lugar mais extremo do que pode ser considerado másculo.

O homem negro vive de forma indissociável a sua própria cor. Como citado por Barreto (2022, p. 185):

O homem negro nunca é desassociado de sua cor. Por isso, ele não é um homem, mas um homem negro, já que sua cor é um marcador que o faz diferente do padrão que se entende como universal — isto é, o homem branco.

Ser um indivíduo fora do padrão significa para o homem negro que existe o peso de cobranças construídas para que esse consiga se encaixar de alguma forma dentro do molde universal eurocêntrico que nunca servirá de fato para abarcar tudo que existe em sua identidade. Patrício (2023) exemplifica que uma das consequências advindas dessa tentativa de encaixar o homem negro dentro desses moldes se dá no que pode ser denominado como aprisionamento. Muitos dos homens negros passam a acreditar que precisam performar as características socialmente imbuídas na sua imagem e a partir disso a existência dos homens negros passa a ter suas possibilidades de existência divididas entre ser o sujeito sexual com alta energia libidinal e com atributos corporais destinados a isso ou o criminoso, agressivo e estuprador em potencial que é um perigo para a população ao seu redor.

O conhecimento utilizado para construir a identidade dos homens negros é proveniente da raça que majoritariamente o odeia (Du Bois, 1903). Pensar nisso ressalta mais uma vez a forma que esse homem que não é visto apenas como homem, mas como homem negro (Fanon, 2020) recebe significados dentro de uma sociedade que se molda ao redor de crenças que o vilinizam e busca por formas de mantê-lo longe do destaque social já que ele não faz parte do padrão aceito dentro de uma heteronormatividade branca.

Seguir os moldes construídos, mesmo que isso signifique abdicar de sua real identidade, é para o homem negro uma expectativa que gera esperança de ser aceito a partir da performance exagerada desses fatores inseridos em sua masculinidade e em seu corpo. É citado por Custódio (2019, p. 6):

O homem negro é uma figura interessante para refletir sobre os lugares de sujeição e lugar de sujeito, pois, enquanto a mulher negra ocupa o lugar da vulnerabilidade Zero, ou seja, uma subalternidade marcada e traçada à caneta por seus marcadores do negativo-social, o homem negro possui, na sua sujeição, a promessa ou a crença (estado latente de desejo) pela outra ponta, que não se realiza. Essa ponta a se realizar é a ponta ensaiada, é aquilo que é buscado, esboçado.

Dessa forma, é possível que o homem negro ao nascer é inserido num mundo de significados impostos sobre seu corpo que são usados para defini-lo como um objeto alvo de ódio e repúdio dentro de uma sociedade que o despreza, com as possibilidades reduzidas se tornar um sujeito hiper sexual ou um criminoso, pois algo fora disso fugiria do padrão esperado para ele discutido citado por Rodrigues (2020). De forma síncrona a isso, se torna entendível que a operação de estratégias de opressão e vulnerabilização são constantemente reforçadas dentro da sociedade a fim de manter a conformidade necessária para tornar homens negros em sujeitos que perpetuem essas mesmas crenças e práticas que os colocam dentro de uma identidade forjada através de estereótipos e crenças racistas.

Caridade (2021) ainda ressalta a tendência do local de vilanização destinado ao homem negro como algo que surge a partir do medo expresso pelo homem branco de que esse sujeito, que um dia foi escravizado, direcionasse sua revolta em direção às mulheres brancas, consideradas um tipo de patrimônio do sujeito branco dentro da lógica hegemônica racista. Deslocar os significados do negro em direção ao potencial estuprador se demonstra como uma tentativa efetiva de difundir ainda mais a visão negativa construída para ele. Ademais, o retorno ao exacerbamento da masculinidade citada por Custódio (2019) alude aos índices gigantescos de práticas violentas direcionadas às mulheres negras por homem negros, considerando que esses tentam de alguma forma repetir atitudes comumente utilizadas por homens brancos na tentativa de removerem a si mesmos das condições negativas inerentes a suas identidades negras.

2.2.3 Impactos do racismo na construção de masculinidades negras

Atentar-se a existência e operacionalidade duradoura da discriminação racial dentro da sociedade atual ainda não é o suficiente para averiguar de forma coesa a realidade das vivências de homens negros. Se faz preciso considerar o peso que essas mesmas maquinações racistas exercem dentro da forma que esses sujeitos constroem sua subjetividade a partir do contexto em que vivem. A forma de se construir e alienar do negro não é algo apenas individual (Fanon, 2020). Explicitar que o processo de alienação que transpassa a particularidade das subjetividades dos negros admite a existência de uma lógica social promovida com o objetivo de manter esses sujeitos confinados a papéis de existência dos quais não poderiam fugir.

Faustino (2019) reflete a partir das concepções de Fanon que há uma espécie de interdição no reconhecimento do negro como parte da humanidade-genérica, explicitando a ideia de que esse sujeito é alguém que precisa ser visto e socializado de forma exterior a categoria de ser humano e por isso precisa construir esforços para que seja capaz de chegar a essa categoria um dia.

Almeida (2018) discute a respeito das modificações de suas percepções sobre os efeitos do racismo a partir de suas experiências com a partir do momento em que adentra atividades políticas e outros estudos. O autor ressalta a existência de um processo de constante naturalização que direciona os indivíduos a construir a noção de que existem espaços dentro da sociedade destinados a ocupação de pessoas brancas e pessoas negras. E, considerando de que forma essa normalização atinge a identidade do universo masculino negro, Junior (2023, 79) diz:

Ou seja, a masculinidade negra é subalternizada frente ao padrão hegemônico da masculinidade branca, fundada com a constituição da figura do “sujeito universal” (o homem branco, heterossexual, cisgênero, cristão e burguês) durante a Época Moderna.

A subjetividade do negro é fortemente abalada pela norma da masculinidade branca que a determina como uma anomalia que precisa ser corrigida ou uma ameaça que deve ser neutralizada. Esse sujeito negro é constantemente um alvo de profunda repreensão social e até mesmo policial. Rocha (2019, p. 64) atesta em sua tese os relatos de jovens negros que são criados ao redor das estereotipificações transcritas na realidade da população negra:

Na fala de Luiz Paulo notamos que apesar de "saber de berço" como operar reações, ou seja, ainda que tenha sido ensinado, em certa medida, a se antecipar aos riscos diários do contato com a polícia, denota que foi a periodicidade das ações que tornou possível a criação de uma "casca" diante dos conhecidos procedimentos

executados pelas forças de segurança em vias da promoção e manutenção da ordem pública. Neste sentido, o que o jovem parece sugerir é que, na relação com a polícia, sobremaneira, na relação entre os agentes de segurança e jovens pretos-pobres-favelados são construídas tecnologias que passam pela aprendizagem "dos mais experientes", mas também exprimem outras que se constroem pela repetição, dadas as constantes violências que precisam enfrentar.

A realidade citada pelo jovem negro entrevistado pela autora atesta mais uma vez a linearidade imposta a existência do negro sob a visão daqueles que detém o poder dentro de uma sociedade racista. Souza (2021, p. 115) diz: “O negro brasileiro que ascende socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar”. O tornar-se negro citado pela autora referência o esforço contínuo que as pessoas negras precisam desempenhar para terem direito a uma subjetividade realmente própria dentro de um mundo que emprega métodos de repreensão para qualquer coisa que fuja da normalidade branca. A partir dessa concepção, intui-se uma tentativa de uniformizar a construção subjetiva do que não é branco dentro de formatos existenciais que se voltam a expressão de características negativas e formas de viver que somatizam fatores ruins. O negro é ensinado desde cedo que precisa fugir de sua negritude, ao mesmo passo em que está eternamente fadado a ela (Fanon, 2021).

Em adição aos questionamentos vistos ao redor da construção da imagem do que é uma identidade de homens negros, é preciso considerar ainda em que situações e ambientes sociais é permitido que habitem essas subjetividades. Almeida (2018, p. 48) discute explicações formuladas acerca do racismo estrutural:

1. pessoas negras são menos aptas para a vida acadêmica e para a advocacia; 2. pessoas negras, como todas as outras pessoas, são afetadas pelas suas escolhas individuais, e sua condição racial nada tem a ver com a situação socioeconômica; 3. pessoas negras, por fatores históricos, têm menos acesso à educação e, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados e, conseqüentemente, mal remunerados;

As explicações citadas pelo autor como comumente utilizadas para explicar a permanência de um racismo estruturalizado dentro do funcionamento da sociedade destacam a prática constante de destinar pessoas negras em direção aos espaços sociais menos favorecidos. Como ressaltado por ele, faltam a essas explicações as considerações necessárias para explicar o motivo pelo qual pessoas não brancas possuem menos acesso as vantagens e privilégios sociais. Quando esse questionamento é direcionado para as particularidades vividas pelos homens negros é possível aproximar-se do estudo de Pereira (2022) que pontua sobre a ausência desse público como sujeito alvo de políticas públicas também é algo

utilizado para negativar a ele o direito de ser reconhecido dentro de suas potencialidades e vulnerabilidades.

A subjetividade de homens negros é um fenômeno anormal dentro do que é aceito dentro de uma sociedade racista, principalmente devido ao fato de que a métrica utilizada para comparações sempre é remetida a branquitude. Um negro nunca vai ser um homem branco, mas isso não impede que seja cobrado que ele tente se tornar um para ser reconhecido. Caridade (2021, p. 43) indica que “Como ser branco é impossível, se busca ser duas, três vezes mais na tentativa de equiparar e/ou afirmar, compensando o “defeito” da cor e, então, se cria estratégias para se adaptar e passar despercebidos”. É interessante perceber que não se pode ignorar o fenômeno da branquitude em qualquer discussão que tangenciada pela negritude, não por afirmar que a última depende da primeira para existir, mas por compreender que as situações vivenciadas por ela são continuamente constituídas pelos moldes formulados pelo branco.

Bento (2002) discute que o branqueamento é um processo frequentemente visto como um problema negro que se torna descontente com sua condição e passa a tentar se identificar como branco para diluir sua própria negritude. Essa consideração retorna a outros pontos citados anteriormente nesse estudo como a discussão de Nogueira (2021) e a forma como um homem negro não pode se autorreferenciar em outro semelhante., pois esse semelhante jamais vai ocupar uma posição de destaque dentro do mundo devido a cor de sua pele. Entende-se que qualquer experiência que tange o homem negro jamais vai deixar de considerar o seu próprio corpo como elemento fundamental em qualquer consideração destinada a ele. Caridade (2021) direciona-se as questões corpóreas desse sujeito negro quando considera a transformação dele em um objeto assustador que precisa ser controlado devido ao perigo que oferece para as pessoas brancas e de forma ainda mais específica às mulheres brancas.

Diante de todos esses esforços contínuos para reduzir a subjetividade do homem negro e remover dele sua percepção a respeito de sua condição humana, é preciso questionar-se a respeito de que forma esse mesmo sujeito se enxerga dentro de um mundo formulado para odiá-lo. hooks (2022, p. 33) afere que:

Lamentavelmente, a verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que esta é uma cultura que não ama os homens negros; eles não são amados por homens brancos, nem por mulheres brancas ou mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si mesmos e uns aos outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio?

O ato de amar-se citado por hooks (2022) atinge um ponto importante da construção da subjetividade de homens negros onde esses são ensinados que não devem gostar de si mesmos justamente por representarem o que há de pior dentro da sociedade. O negro e sua cor são associados a intermináveis problemas dentro da sociedade, tais como a pobreza (Bento, 2002), o feio (Souza, 2021), o selvagem (Fanon, 2020) ou o escravo sexual (Souza, 2009). Pensar a realidade na qual esse sujeito vive e os fatores que pode utilizar para formular sua própria subjetividade culmina na compreensão da existência de uma miríade de maquinações desencadeadas para que ele não possa fugir daquilo que é pré-determinado para ele. É dessa pré-determinação de características que surgem as medidas que jovens negros passam adotar a fim de conseguirem conviver com toda a repreensão destinada a eles dentro da sociedade. Patrício (2023, p. 8) explicita práticas como:

Dessa maneira, pedir o comprovante de pagamento após realizar uma compra, por exemplo, torna-se uma questão de segurança pessoal na hipótese dele ser acusado de ter roubado algo. Outra estratégia utilizada por eles é evitar utilizar certos estilos de roupa que possam demarcar uma origem social e, assim, evitar olhares e julgamentos.

É cabível a esse sujeito adotar as mais diversas medidas para comprovar sua própria humanidade e expressar comportamentos que o tornem algo que possa ser visto de forma positiva, não importando quanto sofrimento isso gere para ele. hooks (2022) aponta o esforço que existe para transformar o homem negro em alguém sem consciência emocional. Essa percepção focaliza a prática constante de isolar o sujeito negro dentro de seu próprio sofrimento por meio da introjeção da crença que estipula que esses sentimentos precisam escondidos e que sua voz não vai ser ouvida, como referenciado por Nogueira (2021) não há um outro semelhante no qual esse sujeito possa identificar experiências emocionais como a sua, já que ele não pode se parecer com o negro para ser aceito como ser humano dentro do ambiente social que o despreza.

Souza (2021, p. 53) relata que:

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.

Construir-se como sujeito negro simbolizaria a negação de seu eu real na tentativa de formular uma identidade que escape da categoria de anomalia criada pela sociedade. Quando

Fanon (2020, p.114) reflete “E, aí está, não sou eu que crio um sentido para mim mesmo, mas é o sentido que já está lá, preexistente, esperando por mim”, ele busca traduzir traços desses atravessamentos que atingem tanto eles como seus semelhantes dentro da condição de negros e explicitar como a subjetividade de todos aqueles que fazem parte dessa mesma categoria não é formada apenas de forma individual.

Custódio (2019, p.140) ressalta dados que reforçam a violência destinada a homens negros dentro da sociedade brasileira, ele alude que:

a) De 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras; b) Um cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação aos cidadãos de outras etnias (já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência); c) Os negros respondem por 78,9% dos indivíduos pertencentes ao grupo dos 10% com mais chances de serem vítimas fatais. O perfil típico das vítimas fatais permanece o mesmo: homens, jovens, negros e com baixa escolaridade. d) houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, por outro lado, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Com isso, ao considerar a proporção entre as taxas de homicídio de negros e não negros, verificamos um aumento de 34,7% na diferença de letalidade contra negros.

A violência contra o corpo não delimita totalmente os efeitos do racismo experiências pelos homens negros, conforme é dito por Patrício (2023, p.12):

Os altos índices de adoecimento mental de homens negros demonstram que a negação dos sentimentos que, como vimos anteriormente, surgiu como uma estratégia de sobrevivência, na verdade, tem servido apenas para mascarar sofrimentos e destruir a capacidade de estabelecer relações saudáveis consigo mesmos e com os outros.

Considerando isso, percebe-se a extensão da vulnerabilidade destinada ao espaço subjetivo de homens negros e a forma como o meio social opera para torná-los silenciados em relação aos seus processos de adoecimento, dor e morte. Conforme os dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2018), dentro dos dados obtidos entre 2016 e 2018, a proeminência do risco de suicídio é 50% maior entre os adolescentes e jovens negro do sexo masculino quando comparados aos brancos. Fatores como esse denotam mais uma vez o questionamento de Pereira (2022) sobre a ausência do negro como sujeito a ser referenciado dentro de políticas públicas.

Considerações plausíveis para esses questionamentos a respeito do silenciamento do sofrimento dos homens negros e da invisibilização de suas identidades podem ser vistos como Fanon (2020) e Souza (2021) que ressaltam a forte tentativa de um sistema opressor em retirar esse sujeito negro da categoria de ser humano para conseguir justificar a exploração e

manutenção de suas dores. E em sincronia a isso hooks (2019) e Custódio (2019) explicitam permanência de um modelo social utilizado para transformar a subjetividade negra em um tipo de perversão a fim de que aqueles presentes nessa parcela de população invistam na tentativa de embranquecer como último recurso de aceitação no mundo em que vivem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesse estudo, é notório que há uma necessidade de considerar a proeminência de maquinações e práticas já naturalizadas dentro da cultura para justificar e tornar permanente o processo de desumanização do homem negro. A masculinidade de homens negros tem seu desenvolvimento constantemente ameaçado e visto anômalo devido a apanhado de configurações sociais e históricas que delimitam essa expressão da negritude como algo que representa uma ameaça crescente para todos aqueles que habitam o meio social. Os significados direcionados ao corpo do negro oscilam entre a vilanização da imagem desses sujeitos e objetificação sexual com o objetivo de deslocar esse homem negro de um lugar de humanidade e inseri-lo em um patamar de inferioridade.

Em uma adição ao processão de remoção de humanidade há ainda a tentativa de remover desse sujeito a possibilidade de apoiar-se em alguém semelhante a ele. As didáticas existentes no mundo envergam em uma campanha cujo objetivo final é fazer com que o homem negro comece a nutrir ódio pela sua própria imagem e por outros que se assemelhem a ele. A promulgação de sentimentos negativas em relação ao negro se justifica na tentativa de fazer com que as únicas referências aceitáveis para que esses sujeitos negros usem para construir suas identidades sejam moldes formulados pela branquitude. Ao passo em que é negado ao homem negro o direito de sofrer por essas opressões e estereotipificações, sendo o apagamento uma consequência marcante desse processo desumanizante.

Em sincronia a tentativa de extinção do negro em prol de embranquecer o negro existem as percepções oferecidas por Neusa Santos Souza e Frantz Omar Fanon que ressaltam a introjeção da inferioridade na subjetividade do negro a fim de que esse se torne um sujeito ativo no processo de repúdio a sua própria identidade e as representações de seu corpo. Esses fatores desencadeiam a repreensão em direção a todos àqueles que perceberam a irracionalidade desses valores racistas e por isso passam a ser vistos como ameaçadas ao estado atual da sociedade. O ato de enxergar-se como negro e dar voz as próprias dores dentro

de uma sociedade racista se torna uma anomalia que precisa ser eliminada para não perturbar a manutenção dos poderes nas relações sociais existentes.

Para concluir, é imprescindível compreender que a vivência de homens negros dentro de uma sociedade racista é diretamente atravessada por ideologias e valores fundamentados em práticas discriminatórias. É necessário entender que essa população vulnerabilizada precisa ser vista como ponto focal de estudos a fim de que seja possível produzir intervenções coesas com a realidade enfrentada pelos sujeitos negros que são ensinados a desconstruir e odiar suas identidades desde os primeiros momentos de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.; SOUZA, P. S. Neusa Santos Souza. **Enciclopédia Mulheres na Filosofia**, vol. 7, n. 4, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2023/03/Neusa-Santos-Souza-PDF.docx.pdf>. Acesso em: 09 de nov de 2025.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARRETO, A. O. Masculinidade negra e colonização: ecos do passado no presente. **Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, vol. 5. N. 12, p. 183-198, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2595-1033v5n12.2022.9>. Acesso em: 23 de set de 2025.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.) **Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**, Petrópolis: Vozes, 2002. P. 25-58. Disponível em: <https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2025.

BRASIL. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-77982>. Acesso em: 09 de nov de 2025.

CARIDADE, W. D. **Aparições e homens negros: masculinidades, racismo e a construção por meio do simbólico**, 2021. Dissertação (Artes Visuais) — Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42562>. Acesso em: 01 de nov de 2025.

COSTA, J. B. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça de mim um homem que questiona. **Revista Civitas**, vol. 16, n. 3, p. 504-521, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>. Acesso em: 09 de nov de 2025.

CUSTÓDIO, T. A. S. Per-vertido homem negro; reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. *In*: RESTIER, H.; SOUZA, R. M; R. (org.) **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**, 2 ed., São Paulo: Hucitec, 2019, p. 132-164. Acesso em: 10 de set de 2025.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, D. O mal-estar colonial: racismo e o sofrimento psíquico no Brasil. **Clínica & Cultura**, v. 8, n.2, p. 82-84, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/clinicaecultura/article/view/14907>. Acesso em; 23 de maio de 2025.

GOMES, J. J. Masculinidades Colonizadas: a construção do homem negro pelo sistema colônia moderna. **Revista Enfoques**, vol. 19, n. 1, p. 67-80, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/issue/view/2607>. Acesso em: 09 de novembro de 2025.

HOOKS, B. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Coleção Cultura Negra e Identidades

NOGUEIRA, I. B. **A Cor Do Inconsciente**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PATRÍCIO, C. J. A dor invisível: reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista, 2023. **SciELO Preprints**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

PEREIRA, G. S. Corpos que o estado não vê: o silêncio jurídico e a ausência de políticas públicas para homens negros no Brasil. **Dikē**, vol. 11, n. 1, p. 123-142, 2022. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/dike/article/view/22975/17146>. Acesso em: 20 de set de 2025.

RAYMUNDO, J. A. **Negro é lindo: a música como ruptura do estigma das masculinidades negras**, 2021. Monografia (Comunicação Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/15352>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

RIBEIRO, A. A. M.; FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**, n.10, p. 163-180, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/29392/21047>. Acesso em: 21 de set de 2025.

RODRIGUES, W. H. S. Desmistificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 41, p. 267-284, 2020. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9281/6949>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ROCHA, B. S. **Entre almas negras e corpos denegridos: cartografia da (in)suspeição em ações e abordagem policial**, 2019. Dissertação (Psicologia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/15236>. Acesso em: 30 de out de 2025.

SILVA, J. R. A construção de estereótipos e objetificação da população negra na sociedade brasileira – um olhar historiográfico. **RCMOS**, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51473/ed.al.v3i1.540>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, v. 3, n. 6, p. 97-115, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/5500>. Acesso em: 24 de maio de 2025.